

Transferência: decifrando e construindo mitos

Margarida Viñas Ribeiro Lima¹

RESUMO

Este trabalho foi produzido a partir das reflexões oriundas do grupo de estudos sobre a Transferência em Lacan. Com base na antropologia de Lévi-Strauss, tem como objetivo fazer uma articulação entre a psicanálise e outros conhecimentos, para elucidar a importância da narrativa mítica na escuta transferencial. Nesse trajeto, busca compreender, a partir de Lacan, conceitos como a eficácia simbólica e a decomposição estrutural para se chegar ao papel do analista em relação à transferência.

Palavras-chave: Mitos individuais e coletivos. Eficácia simbólica. Decomposição estrutural. Édipo.

1 INTRODUÇÃO

O que é um mito? O dicionário Aurélio define como mito o “personagem, fato ou particularidade que, não tendo sido real, simboliza não obstante uma generalidade que devemos admitir”. O ser humano é o único animal capaz de contar histórias. É relacional, ou seja, é na relação com o outro que se constitui. Através desta, tornamo-nos quem somos. Todavia, a maneira pela qual nos relacionamos – e, portanto, pela qual nos constituímos – não está dada: necessita de uma intermediação, a linguagem. Por meio dela é que nos contaremos.

Quando o bebê nasce, a mãe vai nomeando-o, falando de seu nariz, de seus bracinhos ou pezinhos, de como é bonitinho, dorminhoco ou comilão. Com o tempo, ele aprende a perceber os limites do seu corpo, a se diferenciar da mãe, a

¹ Membro provisório do CEPdePA.

se ver como pessoa. Descobre, então, que tem coisas que lhe dão prazer, e outras que lhe causam desconforto. Quando começa a falar, percebe a possibilidade de contar suas experiências, de agrupá-las, de explicar para si e para os outros o que sente, sonha, pensa e imagina.

Freud descobriu logo cedo que muitas vezes as histórias em que nos reconhecemos não são reais. Que a realidade que nos permeia não é fática, mas psíquica. Fredrick Myers, no início do século XIX, não por acaso, descrevera a “função mitopoética do inconsciente”, para dizer que o nosso inconsciente está continuamente criando fantasias, o que se mostra de forma muito crua através dos sonhos. Mais tarde, o pai da psicanálise explicaria os mecanismos da condensação e do deslocamento, através dos quais várias representações são transformadas, agrupadas ou simbolizadas em uma só, gerando uma imagem e/ou uma narrativa simbólica totalmente diferente dos elementos que a originaram.

Desse modo, mitos circulam através do nosso inconsciente, sendo totalmente desnecessária a consciência de que ali estão. Sem embargo, quando geram sofrimento, físico ou psíquico, a sua compreensão é a chave para o restabelecimento. Observe-se, no entanto, que a narrativa mítica não precisa, para curar, necessariamente ser efetuada pela própria pessoa detentora da simbologia mítica inconsciente. Nesse sentido, corroboram a constatação de Claude Lévi-Strauss sobre o poder curativo do xamanismo e a comparação feita pelo antropólogo entre o xamã e o psicanalista.

2 XAMANISMO CURA?

Para demonstrar o funcionamento do rito xamânico, Lévi-Strauss invoca Quesalid, indígena da região de Vancouver, estudado por Franz Boas. Dotado de um espírito científico e do desejo de desmascarar o poder dos xamãs, o rapaz começou a frequentar os rituais, até que um xamã se propôs a iniciá-lo em tal arte. Ele então descreveu detalhadamente as suas primeiras lições:

[...] estranha mistura de pantomima, prestidigitação e de conhecimentos empíricos, onde se encontram misturados

a arte de fingir o desfalecimento, a simulação de crises nervosas, o aprendizado de cantos mágicos, a técnica para se fazer vomitar, noções bastante precisas de auscultação e obstetrícia, o emprego de ‘sonhadores’, ou seja, de espiões encarregados de escutar as conversações privadas e de relatar secretamente ao xamã os elementos de informação sobre a origem e os sintomas dos males sofridos por alguém, e, sobretudo, a ‘ars magna’ de certa escola xamanística da costa noroeste do Pacífico, isto é, o uso de um pequeno tufo de penugem que o prático dissimula num canto da boca para expetorá-lo todo ensanguentado no momento oportuno, após se haver mordido a língua ou ter feito brotar o sangue de suas gengivas, e apresentá-lo solenemente ao doente e à assistência, como o corpo patológico expulso em consequência de suas suções e manipulações. (LÉVI-STRAUSS, p. 203)

Quesalid foi aplicando as técnicas aprendidas e aprimorou seu conhecimento e sua prática à medida que se encontrava com outros xamãs. Nas relações com seus colegas, percebeu que, aos poucos, superava-os quanto aos resultados obtidos. E então o inesperado aconteceu: surpreendido pelo próprio êxito, Quesalid constata a eficácia do xamanismo como método de tratamento.

Lévi-Strauss (1967) esclarece que o rapaz não se tornou um bom feiticeiro porque curava os doentes, mas curava os doentes porque se tornou um bom feiticeiro. Essa questão não necessariamente está presa ao xamanismo, sendo pertinente perguntarmo-nos se também o psicanalista é bom porque ajuda seus pacientes, ou ajuda seus pacientes porque é um bom psicanalista...Para essa resposta, no entanto, é necessário compreender o que está por trás da “cura” ou da “ajuda”.

3 O PODER DO MITO

A explicação para a eficácia da técnica xamânica está na revivência, pelo xamã, da crise inicial que originou a doença, não se contentando em reproduzir

ou representar os acontecimentos, mas revivendo-os efetivamente em toda sua vivacidade e violência. Utilizando-se do termo psicanalítico, Lévi-Strauss explica que o xamã ab-reage a situação originária da patologia. (LÉVI-STRAUSS, 1967). O doente então ficaria exortado pelo grupo – que atua conjuntamente com o xamã – a investir uma riqueza afetiva privada de integração num sistema de oposições e correlações no qual feiticeiro, doente, público, representações e simbolizações encontram, cada qual, o seu lugar.

É importante observar que não se trata apenas de ligar estados confusos a uma causa objetiva, e sim de articulá-los como uma totalidade ou um sistema. Desse modo, “[...] a cura consistiria em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis para o espírito as dores que o corpo se recusa a tolerar.” (LÉVI-STRAUSS, 1967, p. 228). Se a mitologia narrada pelo xamã corresponde ou não a uma realidade objetiva NÃO interessa. O doente – e a sociedade da qual faz parte – acreditam nela, e isso basta. Acreditar que monstros alienígenas ou que espíritos do mal são a causa de sua doença é coerente ao sistema de crenças do seu universo. Dores inexplicáveis e arbitrarias não o são. E serão então integradas a esse universo através do mito, então curando o doente. (LÉVI-STRAUSS, 1967). Simples assim.

O antropólogo francês compara, ainda, a explanação xamânica com a explicação médica: a invocação de micróbios e bactérias como causa dos males corporais não cura, segundo ele, porque eles existem, e os monstros e espíritos alienígenas não. O aparente paradoxo explica-se porque a relação entre micróbio e doença é uma relação exterior ao espírito do paciente, é uma relação de causa e efeito. E a relação entre os monstros e a doença é uma relação interior ao seu espírito, consciente ou inconsciente. A relação monstro/doença é uma relação simbolizada, ou, num outro vocabulário, uma relação entre um significante e um significado. O xamã ofereceria, então, ao doente, uma linguagem na qual este poderia dar vazão a afetos até então não formulados. A passagem para a expressão verbal desbloqueia o processo fisiológico, eliminando a doença. Esta é, portanto, a eficácia do mito pela sua simbolização, a chamada eficácia simbólica.

4 XAMANISMO E PSICANÁLISE: DECOMPOSIÇÃO ESTRUTURAL

Embora se trate de esferas diferentes do conhecimento - o xamanismo relacionado a crenças místicas e a psicanálise à ciência - seus saberes em muito se aproximam. Em ambas, propõe-se a atribuição de uma simbolização às dores do sujeito. Em ambas, tenta-se trazer à consciência conflitos até então inconscientes. Nas duas, a dissolução desses conflitos – e suas correspondentes resistências - não decorre do mero conhecimento que o doente venha a possuir deles, como no exemplo médico, mas da possibilidade de um desenlace no mundo psíquico onde habitam.

Tanto na psicanálise como na cura xamânica, se vai tratar de organizar uma experiência na qual mecanismos que fogem ao controle do paciente irão ajustar-se para chegar a um entendimento funcional. Entrementes, no xamanismo, o feiticeiro tornar-se-á o herói, introduzindo-se ele próprio no corpo do paciente, para buscar ativamente os monstros e espíritos que lhe assolam. De outro modo, na psicanálise, o psicanalista encarnará, como objeto da transferência, o protagonista do conflito vivido pelo paciente no seu mundo psíquico. Em outras palavras, pode-se dizer que ser-lhe-á outorgado um papel. A (re)vivência da conflitiva do paciente será colocada na pessoa do analista, que, através da transferência, acabará por incorporar, na fantasia do paciente, os personagens que lhe forem sendo atribuídos.

Se tanto a psicanálise quanto o xamanismo propõem-se a provocar uma experiência, fornecendo uma narrativa simbólica ao sofrimento de seus pacientes, a grande diferença entre a prática xamânica e a técnica psicanalítica é que, nesta, vai se reconstituir o mito individual que o doente vive, em contraponto ao aspecto coletivo do mito xamânico. Nas sociedades atuais, cada vez mais, falta espaço para a compreensão - em nível afetivo - dos mitos coletivos. Na atualidade, frente à vitória do modo de vida capitalista, a valorização quase que histórica da individualidade produz um tipo de sofrimento neurótico dificilmente amparado por um mito coletivo – salvo algumas formas religiosas, em sociedades ainda não totalmente dominadas por este sistema.

Não obstante, uma vez compreendido que a nossa narrativa inconsciente é mitopoética, mais importante que a distinção entre o individual e o coletivo é o

entendimento de como se estruturam essas formações e como esse conhecimento serve ao trabalho do psicanalista. Para tanto, Lévi-Strauss levanta a importante distinção entre acontecimento individual e estrutura mítica comparando-os com a diferença entre “língua” e “vocabulário” explicando: “[...] o léxico individual em que cada um de nós acumula o vocabulário da sua história pessoal, [...] só adquire significação, para nós mesmos e para os outros, na medida em que o inconsciente o organiza segundo as suas leis, e dele faz assim um discurso.” (LÉVI-STRAUSS, 1970 *apud* CUNHA, 1980, p.20).

O nosso inconsciente estrutura-se, portanto, na forma mítica, correspondendo esta à *língua* na qual falamos. Por outro lado, todo o nosso *vocabulário* será então enquadrado nessa estrutura, sendo este pertinente aos acontecimentos da nossa vida e ao entendimento que lhes damos. Dessa maneira, será a partir dos óculos da sua constelação mítica que o neurótico compreenderá o mundo.

Sob o título de decomposição estrutural, Lacan vai abordar a importância – que em especial revelar-se-á na transferência - dos aspectos estruturais que compõem os mitos que nos engendram. De acordo com o psicanalista francês, os mitos podem ser desdobrados em mitemas, “[...] cuja repetição tem precisamente a função de **revelar**, tornar **manifesta** a estrutura do mito na sua invariância” (CUNHA, p. 30, grifo do autor).

Para elucidar a estrutura mitológica, tanto Lacan quanto Lévi-Strauss apropriam-se do mito de Édipo para demonstrar como ele se presta, através de inúmeras combinações de mitemas possíveis, a tornar-se uma narrativa capaz de abarcar diversas situações em que o sujeito compreende-se. Primeiramente, Édipo é uma história situada entre o mito social e o mito individual, já que está assentada dentro do *locus* familiar.

Em segundo lugar, é uma tragédia que enxerga o sofrimento sucessivo de várias gerações da família, testemunhando como os aspectos transgeracionais relacionam-se com a problemática individual. Nessa perspectiva, Lacan explica que a análise estrutural permite determinar: “[...] na diacronia interna às linhagens heroicas certas combinações - tais que um agrupamento de termos que se produz na primeira geração, se reproduz na segunda mas numa combinação transformada”. (LACAN, 1980 *apud* CUNHA, 1980, p. 31).

Por fim, pelo caráter genérico e facilmente substituível dos papéis representáveis dentro de um mito, a narrativa presta-se às mais diferentes combinações. Desse modo, o “pai” pode ser deslocado para a autoridade, para o chefe, ou para deus. A “mãe” pode ser comutada para uma figura representativa do desejo, e assim sucessivamente. Lacan explicará o caso do “Homem dos Ratos”, por exemplo, com o discurso fantasmático do paciente em relação ao pai, referente a uma mulher rica e uma mulher pobre, bem como a uma dívida a ser paga. Então ele explica: “Tudo se passa como se os impasses próprios da situação original se deslocassem para um outro ponto da organização mítica, como se o que num sítio não está resolvido se reproduzisse sempre noutra.” (LACAN, 1980, p. 62)

5 TRANSFERÊNCIA: LUGAR DO MITO E DO DISCURSO

Lacan serve-se ainda da trilogia de Paul Claudel (*La Trilogie des Couffontaine*) para reiterar como o sofrimento neurótico é algo que perpassa as gerações, transbordando o ser e, pela transferência, sendo repassado aos demais membros da família. Na repetição neurótica, o mito individual será reproduzido, em cada um de seus mitemas.

Por conseguinte, é na transferência que o mito será desvendado, pois o que é discurso já o foi. A transferência, explica o psicanalista francês, está no nosso modo de ser: está no que ainda não foi elucidado, em um *how to*, um *handling* de alguma coisa que nos é exterior (LACAN, 2010). Segundo o autor:

[...] o analista desempenha seu papel transferencial precisamente na medida em que ele é, para o doente, aquilo que não é do plano do que se pode chamar de realidade. Isso é o que nos permite julgar o grande desvio da transferência, fazer perceber ao doente a que ponto ele está longe do real, devido ao que ele produz de fictício com a ajuda da transferência. (LACAN, 2010, p. 387)

A transferência é, portanto, o local onde o mito tornar-se-á discurso, aproximando o sujeito analisado do paciente xamânico que consegue, através de uma

simbologia, precisar no espaço e no tempo a sua dor. O neurótico, em especial, propõe-se a isso, pela sua capacidade simbólica. Nessa direção, Maud Mannoni evoca Freud ao descrever o processo analítico como uma: “[...] *repetição na transferência, repetição esta cuja interpretação permite ao paciente lembrar-se do recalçado.*” (MANNONI, 1988, p.55). Para a autora, é isso que vai autorizar o analista a propor um mito explicativo, segundo o qual a história do paciente organizar-se-á de uma outra maneira.

A realidade passa a compor apenas o pano de fundo no qual as fantasias vividas psiquicamente pelo indivíduo constituem o material que vai ser repetido na transferência. Conforme ensinara Freud:

Trata-se da necessidade que existe de não aplicar os critérios da realidade às formações psíquicas recalçadas, nem, por conseguinte, subestimar a importância das fantasias na formação dos sintomas, sob o pretexto de que elas não têm realidade [...]. Somos obrigados a usar a moeda corrente do país que exploramos, e, em nosso caso, trata-se da moeda neurótica (a da fantasia). (FREUD, *apud* MANNONI, 1988, p. 59).

Assim, “utilizando a moeda corrente” do mundo psíquico do neurótico, qual seja, a fantasia, a história do sujeito será contada pelo mito criado na relação analítica quando da interpretação transferencial. A realidade *psíquica* que se desvela na relação paciente e analista, apresentando-se pela via transferencial, vai ser então reinscrita, tornando possível ao paciente: “[...] transpor as coisas do mundo em que ele vive para um outro registro e, com isso, livrar-se da opressão demasiadamente pesada da vida.” (MANNONI, 1988, p. 63). Utilizando-nos de termos lacanianos: aquilo que tem registro no simbólico, e que por não ser expresso como linguagem se mostra através de sintomas ou de repetições, volta ao simbólico pela utilização de uma narrativa. Observe-se, no entanto, que a simples criação de uma narrativa não basta: o mito recriado sob a égide da realidade psíquica deve fazer sentido ao paciente. Deve ter um lugar plausível entre o que é vivenciado por ele e o material que esse paciente perdeu, por estar em um passado não mais

acessível. Freud assinalou, em “Construções em Análise”, que as construções falsas ou inexatas para a realidade psíquica do paciente simplesmente não lhe afetam, não promovendo mudanças. (FREUD, 1937). Por outro lado, a partir das construções corretas (aquelas que fazem sentido), a fala do paciente liberta-se, fazendo emergirem as lembranças de uma história que poderia se congelar: “Se a interpretação desvenda o que acontece com o desejo, a construção tem, portanto, alguma relação com a fantasia inconsciente: o que ela restitui é uma verdade que se enraíza na questão das origens”, explica Mannoni (1988, p. 54).

6 O ANALISTA E A TRANSFERÊNCIA

Abordando a questão da “direção do tratamento”, em seus *Écrits*, Lacan levanta toda problemática que está por trás da interpretação transferencial. Primeiramente, explica a importância da posição do analista, a posição do “morto”, daquele que “paga com a sua pessoa”, emprestando-a como suporte aos fenômenos transferenciais. Disso decorre sua afirmação de que: “[...] o analista cura menos pelo que diz e faz do que por aquilo que é”. (LACAN, 1966, p.593). Essa sentença parece responder à indagação feita anteriormente, referente a quem é o bom analista, conforme a pergunta levantada por Lévi-Strauss em relação aos bons xamãs. O que está posto nela ganha ainda mais relevância com a afirmação lacaniana de que a única resistência à análise é a do analista.

Questão fundamental levantada pelo autor é a que diz respeito ao tempo da interpretação transferencial. Em que momento interpretar? A posição *standard* é que se interpretaria após a consolidação da transferência. Contudo, Lacan aponta para Freud, então, para dizer que não foi essa a ordem seguida pelo pai da psicanálise em Dora ou no Homem dos Ratos. Explica que, nesses casos, Freud primeiro introduziu seus pacientes na localização de sua posição no real, mesmo acarretando uma precipitação de sintomas. Conclui ele que a direção do tratamento dá-se: “[...] segundo um processo que vai da retificação das relações do sujeito com o real, ao desenvolvimento da transferência, e depois, à interpretação.”(LACAN, 1966, p. 604). E esclarece que não se fica curado porque se rememora, mas se rememora porque se fica curado (LACAN, 1966).

Assim, estando na função de morto, sabendo o momento certo de intervir, o que é mais importante ao analista? Ouvir. Escutar, e não auscultar. Explicando: o analista deve deixar de lado a ausculta da resistência, da tensão, do opistótono, da palidez e da descarga de adrenalina, e focar sua escuta no entendimento do que está sendo trazido pelo paciente. (LACAN, 1966). Lacan ensina que escutar não quer dizer compreender. Ouve-se o discurso, mesmo que não tenha uma forma discursiva, mesmo que não lhe caibam respostas. A escuta será o motor da transferência, pois é através daquela que o amor começa. E a falta de objeto ao qual essa destina-se seria a porta aberta para a regressão infantil. O psicanalista francês esclarece que: “[...] por intermédio da demanda, todo o passado se entreabre, até recônditos da primeira infância.” (LACAN, 1966, p.622).

Para finalizar, o autor lembra que é ao desejo do Outro que toda demanda dirige-se. Articulado no lugar do Outro, esse desejo torna-se discurso, sendo ele que o analista deve ter em mente na condução da análise. O desejo, então, será reconduzido ao seu lugar, lugar de demanda. Diz o autor:

[...] toda resposta à demanda na análise conduz a transferência à sugestão. Há entre transferência e sugestão – essa é a descoberta de Freud – uma relação: é que a transferência também é uma sugestão que só se exerce a partir da demanda de amor, que não é demanda de nenhuma necessidade” (LACAN, 1966, p. 641).

De todo o exposto, percebe-se a importância de se pensar a psicanálise conjuntamente com outros conhecimentos, ainda que profundamente distantes da vida em sociedade na atualidade. Afinal de contas, é disso que essa ciência trata: de sistemas de pensar, de associar, de sentir. Principalmente, do que é profundo, inconsciente, humano. Apesar das profundas diferenças entre o xamanismo e a psicanálise, tratando-se aquele como um saber místico extremamente desvalorizado e sem sentido na era em que vivemos, é no que possuem de humano que ambos se aproximam. Nessa perspectiva, os dois permitem a atenuação do sofrimento ao devolver aos pacientes uma narrativa capaz de atribuir um sentido às suas demandas, reinscrevendo-as de modo que possam ser elaboradas. Na psicanálise,

entretanto, é a partir do desejo-demanda, manifesto pela via transferencial, que vai ser possível a transformação da repetição em um discurso que faça sentido, ou seja, em uma narrativa mítica que será então construída. Aqui, será a partir (da demanda) do amor que as coisas vão acontecer. E será principalmente através da escuta, e não da fala, que se abrirá o portal pelo qual os benefícios do tratamento poderão ser alcançados.

REFERÊNCIAS

CUNHA, T. C. Prefácio. In: Lacan, J. **O mito individual do neurótico**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980, p. 9-41.

FREUD, S.(1937).Construções em Análise. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Edição Standard Brasileira, 23).

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1966.

_____. **O mito individual do neurótico**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980.

_____. **O seminário: livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro :Zahar, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

MANNONI, M. **Da paixão do ser à loucura do saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Transference: deciphering and building myths

Abstract

This work was produced based on the reflections of a study group about transference in Lacan. Grounded by Lévi-Strauss's anthropology, it aims to articulate psychoanalysis and other knowledge to elucidate the importance of mythical narrative in transference listening. In this way, it is sought to understand, from Lacan, concepts such as symbolic efficacy and structural decomposition to reach the analyst's role regarding the transference.

Keywords: Individual and collective myths. Symbolic efficacy. Structural decomposition. Oedipus.